

“Sei muito o que é a vida”: a biografia de Leandro Maciel

Samuel Albuquerque*

Capela de Santana do Massacará, Carmópolis, 15 de julho de 1984. Naquela manhã de domingo, familiares, amigos e admiradores despediam-se de Leandro Maynard Maciel, ex-governador e uma das figuras políticas mais marcantes da história de Sergipe. Com complicações cardíacas, Leandro falecera no dia anterior, em Aracaju, aos 87 anos.

Atento às “manifestações respeitadas e sentidas” da ocasião, estava o historiador Ibarê Dantas, autor de “O Tenentismo de Sergipe” (1974) e da “Revolução de 1930 em Sergipe” (1983), que, trinta e três anos mais tarde, na condição de intelectual consagrado, publicaria a biografia política do líder udenista, o doutor “Liandro”, como muitos ainda a ele se referem.

O lançamento do livro “Leandro Maynard Maciel na política do século XX” foi bastante concorrido e reuniu intelectuais, políticos (entre eles o governador Jackson Barreto), familiares e amigos do autor e do biografado, na tarde/noite de 06 de dezembro de 2017, no Museu da Gente Sergipana.

O aguardado livro apareceu robusto, sóbrio e discreto em sua aparência. Na capa, predominam tons de cinza, branco e preto, valorizando a fotografia do biografado, que se destaca. A profundidade do olhar sob as fartas sobrancelhas de Leandro Maciel (com cerca de 60 anos) dá a impressão de que estamos sendo observados e de que a biografia do observador tem muito a revelar.

O ótimo projeto gráfico é similar ao do livro “Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909). O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe” (2009), dando uma ideia de continuidade entre a biografia do pai e do filho. Aliás, é bastante recomendável a leitura do livro de 2009, para que se tenha uma clara ideia de como a família Maciel esteve ativa na militância política, desde as primeiras décadas do século XIX até os anos setenta do século XX – começando pelo patriarca Antônio Luiz de Araújo Maciel (1797/1850), passando por seu filho Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909) e chegando ao seu neto Leandro Maynard Maciel (1897-1984).

* Historiador e professor da UFS



Dantas, usando sua reconhecida capacidade de síntese, expõe o tema da obra: “Este livro ocupa-se de um líder que atuou por cerca de quatro décadas na política de Sergipe com incursões na esfera nacional, despertando sentimentos contraditórios” (Dantas, 2017: 11).

A obra possui 14 capítulos, assim descritos pelo autor: “[...] iniciei com breve análise sobre seus ancestrais, passei para o período de sua formação e, a partir do capítulo 3, discorri sobre sua atuação política. Primeiro, na República Velha, em seguida nos tempos das interventorias, depois na época do populismo, com campanhas cada vez mais competitivas e tensas, até quando aconteceu seu governo narrado nos capítulos 8 e 9. / No capítulo 10, segui-o nas campanhas sem êxito para vice-presidente da República e para governador. Na sequência, tentei mostrar como a intervenção dos militares e a montagem do Estado Autoritário contribuíram para elevar sua influência. Analisei, nos capítulos 11 e 12, o seu desempenho como senador, as tentativas dos militares para cassá-lo e sua resistência. No capítulo 13, discorri sobre sua última década de vida no ostracismo e suas derradeiras manifestações nos seus relacionamentos com pessoas influentes na sociedade. A última parte é a tentativa de avaliar o conjunto do seu percurso dentro da política estadual, com virtudes e contradições” (Dantas, 2017: 14).

O testemunho da longa e esparsa pesquisa sobre Leandro, iniciada em fins da década de 1980, é um elemento enriquecedor e de grande valia para os que militam na História. O “desafio biográfico” (como diria François Dosse), somado aos desafios da boa pesquisa histórica, exigem muita dedicação e obstinação. Nesse sentido, registrou o nosso historiador: “Tratando-se de um homem público polêmico, idolatrado e detestado, que se manteve em largo período no centro de ocorrências políticas variadas, como secretário de Estado, deputado federal, governador, candidato a vice-presidente da República, senador e líder partidário reverenciado e criticado, o projeto de biografá-lo apresentou-se como um grande desafio” (Dantas, 2017: 11-12).

O amplo recorte temporal exige poder de síntese e erudição, virtudes que caracterizam a obra. Sem considerar o primeiro capítulo, que dá conta da ascendência de Leandro Maciel, o livro se debruça sobre os momentos mais marcantes de uma trajetória de 87 anos, iniciada em 1897 e finda em 1984. Não por acaso, o autor considerou que a maturidade intelectual e a intimidade com as fontes concorreram positivamente para sua tarefa: “[...] beneficiei-me da experiência de mais de 40 anos de pesquisa, quando juntei um acervo razoável, inclusive com mais de trinta depoimentos com informações relevantes sobre o biografado [...]. Ademais, as anotações de jornais, livros, revistas e documentos outros em arquivos de Sergipe, da Bahia e do Rio de Janeiro, bem como minhas reflexões já publicadas em artigos e livros, ajudavam-me, mas não me



pareciam suficientes. A doação de cópia de grande parte do arquivo pessoal do biografado, que estava sob a guarda da filha Annete Maciel, me proporcionou mais animação pela rica documentação, destacando-se as correspondências reveladoras de sua personalidade e de sua forma de pensar ao longo dos anos” (Dantas, 2017: 13).

Conforme assinalou Dantas, também foi “longo e difícil processo de amadurecimento” para dar cabo do projeto da biografia de Leandro, considerando a dificuldade de lidar com as controversas representações construídas sobre o líder político. Afinal, “[Leandro] vivenciou cinco períodos constitucionais, demonstrando grande capacidade de sobrevivência política. Enquanto seus companheiros ficavam na beira da estrada, abatidos pela morte ou pelas sucessivas mudanças políticas, Leandro resistia. Sendo o único líder do Estado influente nos anos vinte a chegar prestigiado nos anos setenta, acumulou larga experiência, entremeada de lutas prolongadas e representatividade como um ícone expressivo do seu tempo” (Dantas, 2017:12).

Dantas julgou oferecer, com seu livro, uma “amostra” da política sergipana no século XX: “Ao analisar a atuação partidária em suas relações com correligionários, adversários e o eleitorado, dentro da sociedade de sua época e das circunstâncias do seu tempo, terminei oferecendo também uma amostra da política do século XX. Para tanto, adotei um tratamento diacrônico, seguindo as ações de Leandro ao longo do tempo, com a preocupação de historiador na busca da veracidade dos fatos, com a indicação das fontes bibliográficas e documentais” (Dantas, 2017: 13). Na verdade, o que temos é um amplo panorama das sucessivas configurações políticas que marcaram a história de Sergipe ao longo de quase todo o século XX. A biografia de Leandro é, sem dúvida, o fio condutor para a compreensão da história política do seu tempo.

Grita aos olhos a obstinada busca pela neutralidade, prática que orienta o autor em sua narrativa e interpretação dos fatos que marcaram a vida de Leandro. Sintomático disso é a seguinte conclusão (tratando da primeira eleição do líder udenista para governador de Sergipe): “Era mais uma ilustração da política cinzenta, sob a qual muitas práticas ilegais aconteciam envolvendo várias instituições” (Dantas, 2017: 189). De fato, como bem assinalou Dantas, Leandro não cabe em rótulos simplificadores.

O livro é pleno de surpresas ao curioso leitor das coisas sergipanas. Sabia, por exemplo, que o líder tenentista e interventor Augusto Maynard Gomes (1886-1957) e Leandro Maynard Maciel eram primos. Só não tinha ideia de qual estreita era a ligação de Leandro com a mãe de Maynard, dona Tereza Maynard Gomes, tia que muito assistiu “Leandrito” em sua infância. Nesse sentido, fiquei a imaginar a cena do enterro de Tereza, nos idos de 1944, em Rosário do Catete, quando “ajudaram a carregar o caixão o filho Augusto Maynard Gomes, então interventor do Estado, e



Leandro, primo irmão deste, identificados pelo sofrimento, apesar de distanciados politicamente” (Dantas, 2017: 102).

Antes disso, prendera minha atenção a descrição do aniversário de 11 anos do menino Leandro, em 1908, no engenho Entre Rios, em Rosário do Catete. Além de missa cantada, com benção de “uma rica imagem da Conceição”, e apresentação da banda de música da vila do Rosário, “aconteceram diversões agradáveis sob acordes de piano”, jantar ao cair da tarde, discursos e danças. “Leandrito, alvo de deferências, recitou poema do poeta e jornalista professor Brício Cardoso” (Dantas, 2017: 28-29). A festa representou uma espécie de “batismo” do menino de engenho que, naquela ocasião, era apresentado e nascia para a “boa sociedade” da Cotinguiba. Penso, aliás, que a festa de aniversário do filho caçula, no qual depositava tantas expectativas, foi a derradeira (e certa) cartada política do velho Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel.

O livro também revela interessantes relações de interdependência no seio da aristocracia do açúcar, a exemplo da proteção dada pelos patriarcas aos filhos dos amigos finados. Explorando a memória familiar preservada pelo jornalista Paulo Roberto Dantas Brandão, o autor registrou que o velho Leandro do Entre Rios “olhou” por Manuel Correia Dantas (filho do seu amigo Francisco Correia Dantas, do Engenho Vassouras, em Divina Pastora), quando este, recém-casado com dona Adelina (Nenê), em princípios de 1900, foi viver no Engenho Palmeira, em Capela. Posteriormente, com a morte do velho Leandro, Manuel Correia Dantas “olhou” por Leandrito, de apenas 11 anos, e pela viúva Sinhazinha (Dantas, 2017: 29).

Tomando como referência o mesmo senhor do Engenho Entre Rios, foi demonstrado como as fortunas dos grandes senhores podia se dilapidar com o casamento dos filhos. Vasta prole era sinal de pulverização de patrimônio. Esse foi o caso do velho Leandro. “A essa altura [quando seus bens estavam sendo inventariados], o cabedal do velho ex-senador era relativamente pequeno. Para quem nunca fora um homem muito rico, boa parte do patrimônio já havia sido distribuída. Primeiramente pelos dotes entregues por ocasião do casamento das quatro filhas e pelas doações aos filhos homens para se estabelecerem ao constituírem família. Metade da herança foi dividida com os herdeiros por ocasião da morte da primeira esposa” (Dantas, 2017: 30).

Das variadas e abundantes fontes que lastreiam o livro, as cartas destinadas pelo biografado aos seus familiares são riquíssimas em dados que podem ser, ainda, explorados por historiadores interessados na intimidade das grandes figuras políticas. É tocante, por exemplo, a carta do menino Leandro para sua mãe, à época colégio interno em Salvador (o Marista), nos idos de 1911. Na bela missiva, o acanhado menino pedia: “Dirija ao ceo uma prece para que Deus me ajude nas minhas provas” (Dantas, 2017: 31-32). Também chama atenção, por revelar muito da personalidade do moço



Leandro, a carta enviada à noiva Marina, em 22 de fevereiro de 1924. É nela que o queixoso noivo registra: “Sei muito o que é a vida!”.

Difícil conter o riso diante de certas histórias pitorescas recuperadas pelo autor da biografia em questão. Uma delas nos coloca diante dos três filhos de Manuel Correia Dantas, presidente de Sergipe entre 1927 e 1930, armados de paus, perseguindo desembargadores da Relação que faziam oposição ao pai dos desassombrados Orlando, Waldemar e Nestor. Vale transcrever a história: “Quando, em meados de 1930, um jornalista publicou que Manuel Dantas estava comprando maquinário para sua usina com dinheiro do Tesouro, os três filhos do presidente, Orlando, Waldemar e Nestor, armaram-se de paus, correram atrás de Hunald Cardoso e Álvaro Silva, que não foram alcançados. Mas, ao encontrarem o presidente do Tribunal Lupicínio Barros, Waldemar deu-lhe uma paulada” (Dantas, 2017: 54).

Dignas de nota são, também, as artimanhas do padre Filadelfo, em Laranjeiras, nos idos de 1947, em benefício da UDN (recuperadas por Dantas nos jornais de época). Diante das pressões da Liga Eleitoral Católica (LEC), determinando que “nenhum católico pod[ia] votar nos candidatos do Partido Comunista do Brasil e da União Democrática Nacional”, a declaração oficial da LEC foi, astutamente, lida em latim aos fiéis de Laranjeiras, que seguiram ignorando as determinações da liga. “Causou muitos comentários o caso de Laranjeiras, onde teria sido registrado uma diferença de 200 votos para a UDN, em face de o padre Filadelfo Oliveira haver lido na Igreja a circular da LEC em latim, fato que o vigário narrava com certa graça. Dessa forma os eleitores não tomaram ciência que votar nos candidatos da UDN seria pecado mortal” (Dantas, 2017: 131)

O movimentado cotidiano do “sítio do doutor Liandro”, na Rua Dom Bosco, é, também, digno de nota, sobretudo quando comparado com o quadro melancólico descrito, posteriormente, no depoimento do escritor Paulo Fernando Teles Moraes, que visitou e entrevistou Leandro no decurso dos anos setenta. Se, nos tempos áureos do leandrismo, “a varanda da casa do líder tornava-se pequena para comportar tanta gente” e “os menos graduados costumavam ficar recostados na balaustrada, escutando, ou debaixo das árvores frondosas mais próximas da casa, formando rodas próprias”, fazendo do local um “ponto de encontro para informação acerca das novidades, tratativas, combinações, acertos, projetos, pactos, fofocas, conchavos, discussões e reverências” (Dantas, 2017: 145), na fase do ostracismo, “[Leandro] estava praticamente sozinho, que é assim que ficam os que rolam ladeira abaixo. Apenas sua esposa, Dona Marina, e um correligionário, Benjamim Fernandes Fontes, faziam-lhe companhia no velório. Dialogamos civilizadamente. Reconhecia a derrota. A política era aquilo mesmo: ganhava-se e perdia-se” (Moraes in Dantas, 2017: 328).



Mais contido que seu pai, Leandro não deixou de saber ferir seus desafetos com palavras escolhidas e ordenadas cuidadosamente. Impressiona, por exemplo, o discurso de despedida do governo do estado, datado de janeiro de 1959. Nele, o político refere-se aos irmãos Leite (Leite Neto e José Rollemberg Leite) nos seguintes termos: “pretensiosos e ensimesmados, vivendo distantes do povo, com medo de ser tomada a dimensão de sua incapacidade, vivem na área dos privilegiados, endeusados pelos seus íntimos com os cuidados dispensados aos rebentos de uma dinastia fora de época” (Maciel in Dantas, 2017: 244).

Em missiva de abril de 1982, destinada ao amigo Augusto Franco, Leandro reproduziu e subscreveu discurso atribuído ao “velho Chico Leite” (Francisco Rabelo Leite), de Riachuelo, pai do notável médico Augusto Leite. Nele, destaca e ironiza o fato de o jovem político João Alves Filho, “um mulato”, ser “adulado pelos ricos” e mandar no Estado. Leandro diz que não descartaria votar na liderança ascendente, mas o faria como um “doente que toma purgante de óleo de ricino” (Maciel in Dantas, 2017: 351).

Na boa companhia do sociólogo Max Weber, nas laudas derradeiras do livro, Dantas recapitula e trajetória de Leandro e conclui que “é possível encontrar quem tenha permanecido tanto tempo na política estadual. Houve quem governasse o Estado mais vezes e exercesse mandatos parlamentares por mais tempo, mas raramente alguém encarnou a figura do líder com mais força e determinação. Da República Velha à República dos Militares, fez da política a grande atividade de sua vida, atuando e despertando vocações” (Dantas, 2017: 366).

Percorridas as mais de quatrocentas páginas do livro, o leitor dotado de alguma sensibilidade concluirá que há um nítido caráter pedagógico na biografia de Leandro Maciel. Ela nos ensina que viver é resistir sempre, ganhando ou perdendo. Enquanto há vida, há luta!

Certamente, a iniciativa de Ibarê Dantas contribuirá para que Leandro, mesmo morto, dribla o esquecimento, faça-se vivo entre os leitores de uma obra que, certamente, terá lugar de destaque na biblioteca sergipana. Na batalha da memória, Leandro saiu vitorioso!

